

O “entre-lugar” do ensaio no contexto literário africano de língua portuguesa

Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco*

Resumo

Os contornos imprecisos do ensaio. As tênues fronteiras entre ensaios filosóficos e literários, entre estudos históricos e textos ficcionais, entre ensaios antropológicos e políticos. A importância do ensaísmo africano: a ruptura em relação ao cânone ocidental e a construção do espaço crítico das letras africanas. Gênero em formação, o ensaísmo africano funciona como um “entre-lugar”, local de exegese e reflexão, de imaginação e memória, de leituras e releituras do texto literário e da História.

Palavras-chave: Ensaísmo africano; Entre-lugar; Texto literário.

Na vida intelectual dos últimos anos, houve uma grande mixagem de gêneros. (GEERTZ, 1999, p. 33)

Embora Clifford Geertz aponte como característica da época contemporânea uma crescente indistinção entre os gêneros, o ensaio,¹ desde Montaigne, sempre teve contornos imprecisos, sendo impossível estabelecer, com rigor, os seus limites. Daí estudiosos do assunto terem incluído sob essa designação obras contrastantes e diversos autores empregado abusivamente o termo “ensaio” em títulos dos mais variados escritos.

Geertz chama a atenção para a acentuada complexidade de se delimitar, hoje, com precisão, as fronteiras rígidas entre textos filosóficos e ensaios de crítica literária, documentários e confissões, estudos históricos e textos ficcionais, ensaios políticos e antropológicos.

Diante dessa exacerbada flutuação de gêneros que domina o atual panorama crítico, revela-se árdua e problemática a tarefa de definir o ensaísmo. E, em relação

* Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹ Entendido aqui em sua configuração moderna ocorrida a partir de Montaigne.

ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa, mais difícil se torna estabelecer as dimensões exatas do ensaio, tendo em vista ser este, nesse contexto, um gênero ainda em formação.

Ao indagarmos sobre o "lugar" do ensaísmo na esfera das letras africanas, vêm-nos à memória versos do poeta angolano Ruy Duarte de Carvalho, cuja poesia apresenta, em diversos momentos, aspectos próprios ao ensaio, na medida em que a voz lírica se questiona filosoficamente a respeito das tradições culturais africanas, ao mesmo tempo que investiga processos criativos do próprio fazer poético. Fazemos, então, também nossas as inquietações do poeta:

Que se constrói? Um texto ou um percurso? A intenção de um lado, resposta vaga, moral herdada. Do outro lado o curso da palavra, da resposta, o som e o gesto seguidos um ao outro (...). Há um lugar que invade outro lugar e esse lugar estará presente noutro. Não há lugar achado sem lugar perdido. (CARVALHO, 1988, p. 10)

Apesar de conscientes do entrelaçamento e da invasão de textos e lugares, ou seja, da mesclagem de discursos literários e ensaísticos, pensamos, no entanto, que continua pertinente discutir o papel do ensaio no âmbito das letras africanas, uma vez que são, ainda, consideradas preconceituosamente pelo cânone ocidental como "literaturas menores" e só nas duas últimas décadas do século XX o seu ensino começa a se afirmar em alguns centros literários acadêmicos e algumas universidades brasileiras e estrangeiras.

Por essas razões, acreditamos ser necessário privilegiar o estatuto de tais literaturas. E isso se faz também competência do ensaísmo, como revela a própria etimologia da palavra "ensaio", derivada do vocábulo latino *exagiu(m)*, cuja significação é, justamente, a de "dar peso", isto é, "valorizar" os assuntos analisados. Cabe ao ensaio, portanto, esse papel de chamar a atenção, atrair olhares para obras pouco conhecidas. Entretanto, o peso de cada obra literária não é, na verdade, o ensaio que lhe dá: encontra-se na trama da própria linguagem artística, cuja contundência e força de imagens, palavras e sentimentos são capazes de tornar os leitores mais humanos.

O ensaísmo filia-se à prosa de dicção didática, cumprindo o objetivo de tornar inteligíveis questões de ordem literária, filosófica, histórica, antropológica, sociológica, entre outras, assim como lhe cabe ainda a tarefa arrojada de propor leituras e idéias inovadoras. Significando também "experiência", "exame", "prova", caracteriza-se, desse modo, pelo exercício do pensamento crítico e pelo compromisso da transmissão de experiências e saberes.

Em virtude dessas características, o gênero assume uma grande importância, principalmente no que se refere ao universo cultural africano, pois se oferece como espaço discursivo capaz de repensar a África, permitindo a recuperação de vozes e histórias do passado obliteradas ao longo do processo colonial. Para isso alertam, por

exemplo, alguns filósofos africanos, entre os quais Odera Oruka, que conferiu relevo à sabedoria ancestral das sociedades tradicionais da África, e Kwame Anthony Appiah, que defende o seguinte:

(...) se os filósofos pretendem contribuir – no nível conceitual – para a solução dos verdadeiros problemas da África, eles precisam começar por uma compreensão profunda dos mundos conceituais tradicionais em que habita a vasta maioria de seus compatriotas. (APPIAH, 1997, p. 153)

A lição de Appiah coincide, pois, com a de Ruy Duarte, quando este fala da necessidade do “encontro da memória com a matriz” (CARVALHO, 1988, p. 10). Devem ser buscadas, portanto, as raízes dispersas do pensamento africano. E os seus fios podem ser reatados pela ênfase no ensaio, gênero propiciador de reflexões críticas, cuja ação valorizadora das letras e tradições africanas possibilita sua maior visibilidade nos currículos do ensino universitário, contribuindo, assim, para que a África também seja pensada, sem discriminações, no quadro universal da cultura, da política, da economia e da história.

O ensaísmo africano, de modo geral, começa a se alicerçar, principalmente, entre 1920 e 1950, com o despertar da consciência negra veiculada pelo Renascimento Negro norte-americano, pelo Indigenismo Haitiano, pelo Negrismo cubano, pela Negritude de língua francesa. Nesse período, uma significativa produção discursiva de vertente ensaística na área da filosofia, história, sociologia e política, entre outras, emergiu em protesto contra a ordem colonial que oprimiu, por séculos, os negros do continente africano e os obrigados à diáspora.

Reagindo contra preconceitos e estereótipos com que o Ocidente excluiu os povos da África por mais de quatro séculos, surgem artigos, livros e manifestos que reivindicam igualdade e justiça social para os africanos, incitando-os a assumirem sua cultura, suas raízes e seu passado de sofrimento. Os textos fundadores desses movimentos, entre eles os de Langston Hughes, representante do Renascimento Negro norte-americano, e os de Senghor, Léon Damas, Aimé Césaire e muitos outros, responsáveis pela Negritude em língua francesa, são hoje referências obrigatórias a estudiosos das questões africanas.

Ensaaios políticos, filosóficos, sociológicos e de outros campos do saber circularam intensamente nessa época, denunciando o mito da civilização ocidental como paradigma absoluto para a humanidade. Adotando uma dicção didática própria do ensaio, esses estudos apontaram para a necessidade da consciência da “africanidade” e para a urgência de uma luta emancipatória com o fim de fazer os negros africanos orgulharem-se de si e de sua história cultural. Langston Hughes, por exemplo, cuja proposta libertária em relação aos negros do Harlem dialogava, em vários aspectos, com os ideais negritudinistas de Senghor e Léon Damas, procurou as origens prime-

vas de uma África mítica e sentiu-as latejando em suas veias e memória: "Todos os tantãs do mato batem no meu sangue. Todas as luas selvagens e ferventes do mato brilham na minha alma" (HUGHES *apud* MUNANGA, 1986, p. 38).

Historiadores negros africanos como Ki-Zerbo desmentiram as teses coloniais de que a África não possuía uma história anterior à colonização e sublinharam a importância da memória. Reinos antigos foram estudados e culturas africanas ancestrais passaram a ser conhecidas. A revista **Présence Africaine** de Paris publicou textos hoje clássicos para o estudo da África.

A literatura teve papel de destaque no movimento da Negritude. Senghor publicou a **Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache** (1948); Aimé Césaire o **Cahier d'un retour au pays natal** (1939), Léon Damas **Misère noire** (1939) e **Black-label** (1956), entre outras obras. A criação poética africana se fez, desse modo, instrumento de exortação à consciência negra e ao resgate da África ancestral. Mas a Negritude ultrapassou os limites da literatura e optou por uma perspectiva política que levou à revolta contra a ordem colonial, o imperialismo, o racismo. Quanto a este, é exemplar o ensaio de Jean-Paul Sartre intitulado "Orfeu negro", publicado no livro **Reflexões sobre o racismo**, que deu à teoria da Negritude um significado mais filosófico, político e revolucionário, enquanto ferramenta de luta contra o colonialismo. Muitos outros importantes ensaios foram escritos com o propósito de denunciar a dominação colonial.

A par do seu inegável valor histórico, a Negritude de Senghor foi alvo de críticas feitas por intelectuais que continuaram a refletir, aprofundadamente, sobre as questões africanas. Kabenguele Munanga, por exemplo, analisa a eficácia do discurso negritudinista, apontando várias controvérsias suscitadas:

Há quem pense na Negritude como um racismo anti-racista, uma fobia do negro, ou melhor, uma xenofobia, e que não resolveria nada substituindo uma fobia por outra, vivendo num gueto cultural. Um tigre, como disse Wole Soyinka, da universidade nigeriana de Ibadan, não precisa proclamar sua tigridade. Para ser eficaz, ele ataca sua presa. Ou ainda, segundo Stanilas Adotevi, um grande crítico da Negritude senghoriana, não se pode desarmar um homem de baioneta com apenas uma linda poesia. (MUNANGA, 1986, p. 66-67)

Também Albert Memmi advertiu para o fato de que o racismo e a xenofobia consistem em discriminar qualquer grupo humano. No livro **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**, defende a tese de que o racismo do colonizado, produto da mistificadora ação colonial, é histórico-social e uma via de mão dupla, pois, se o racismo europeu humilhou e torturou o negro, este, embora temesse o colonizador branco, continuou a admirá-lo e a imitá-lo.

Franz Fanon, no livro-ensaio **Pele negra, máscaras brancas**, também apontou alguns aspectos problemáticos da Negritude senghoriana, denunciando como o ne-

gro, apesar dela, manteve-se preso às imagens forjadas pelos brancos colonizadores. Para ele, a solução estaria na negação dos dois narcisismos (tanto o do branco, quanto o do negro) e na consciente análise dos fatores históricos e econômicos que engendraram a escravidão e os preconceitos.

René Ménil, Cheikh Diop, Alfredo Margarido são outros ensaístas que também fizeram severas críticas à Negritude, mostrando não ter ela operado uma radical ruptura em relação ao discurso legitimador do colonialismo.

Bernard Mouralis, professor da Universidade de Cergy-Pontoise e especialista das literaturas negro-africanas, em seu livro *Contraliteraturas* (1975), manifesta uma opinião ponderada e bastante lúcida a respeito da Negritude de 1930. Segundo ele, foi importante a catarse dos sofrimentos na fase inicial do movimento negritudinista, pois ensejou a constatação de toda uma história de opressão. Nessa época – diz ele – foi essencial ressaltar os aspectos culturais da África ancestral. Atualmente, entretanto, há que relacioná-los à política e ao contexto econômico global. De acordo com a perspectiva de Mouralis, também hoje vários ensaístas procuram analisar a África não mais como uma essência mítica a ser resgatada, antes como tecido social complexo, disseminado, que precisa ser repensado em suas multifacetadas diferenças étnicas, políticas, econômicas, culturais.

Ensaístas como Edouard Glissant, Todorov, Edward Said, Homi Bhabha discutiram a questão dos oprimidos como “outros” da História, mas não o fizeram maniqueístamente, opondo apenas negros e brancos, colonizadores e colonizados. Tanto os discursos desse novo ensaísmo, como os romances atuais de escritores africanos assumem, no dizer de Maria Nazareth Soares Fonseca, professora de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da PUC Minas, uma “reorientação” que

se mostra na referência aos dramas coletivos – a colonização, a escravidão negra, o sistema de pilhagem – instituídos pelo Ocidente, os quais minimizam os marcos históricos e procuram reconstruir uma outra história, a história sonogada, através da busca incessante de significantes outros que postulam a redefinição do espaço e do tempo perdidos. (FONSECA, 1997, p. 93)

Apresentadas, de modo muito sucinto, as tendências do ensaísmo referentes às questões negro-africanas em geral, passamos a tecer um breve panorama do ensaio nas letras africanas de língua portuguesa. Conforme mencionamos anteriormente, trata-se de um processo ainda em construção, contando, principalmente a partir de 1980, com uma série de trabalhos importantes, embora não possam ser esquecidos os textos iniciais, nascidos sob os ecos do Renascimento Negro e da Negritude de língua francesa. Referimo-nos aos ensaios políticos de Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Mário P. de Andrade e outros cuja atuação na Casa dos Estudantes do Império de Lisboa, no fim dos anos 40 e nos anos 50 do século XX, foi fundamental para a instauração da poesia africana em português.

A CEI, Casa do Estudante do Império, era a associação que agrupava todos os originários dos países do Império, como o seu nome indica, e que permitia uma ação associativa, de tempos livres, mas igualmente uma ação cultural, porque havia uma revista, a revista **Mensagem**, e conferências. E depois havia um público largo de estudantes africanos de diversas origens raciais. (...) No nosso grupo, a que chamo sempre a "geração de Cabral", havia sobretudo Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Humberto Machado, Noémia de Sousa, Alda do Espírito Santo, Francisco José Tenreiro, mas os mais politizados eram Amílcar, Neto e, suponho sem falsa modéstia, eu próprio, que estávamos mais a par da realidade política de nossos países. Constituímo-nos em grupo de pensamento. (...) Lia-se tudo o que vinha de África, das Antilhas de língua espanhola, Cuba em particular, e da América. Lia-se de tudo – de Bataouala, a Antologia de Senghor, Langston Hughes, Nicolás Guillén. Mas meu interesse ao ler esses livros alargou-se à crítica literária, ao comentário crítico. É por isso que passei a ler livros que vinham de Paris, estudos que eu encontrava na **Présence Africaine**, nas antologias que se publicavam nos Estados Unidos. E o campo de aplicação começou a ser, naturalmente, a literatura que nascia, a nossa literatura de língua portuguesa. (ANDRADE, Mário. In: LABAN, 1997, p. 68 e 95)

Os textos lidos na Casa dos Estudantes do Império engendraram, pois, a consciência da opressão e os líderes acima mencionados utilizaram vários de seus ensinamentos em seus ensaios e discursos políticos. Essa consciência gerada foi determinante para o desencadeamento da revolução em prol da independência das colônias portuguesas em África. Parodiando o título de um ensaio político de Amílcar Cabral, foi "a arma da teoria" a alimentar a utopia da liberdade, encontrada também em **Ainda meu sonho**, um dos conhecidos ensaios de Agostinho Neto.

Embora alguns críticos tenham afirmado, durante muito tempo, que a Negritude nas literaturas africanas de língua portuguesa teve uma dimensão pouco expressiva, hoje, com o livro **A negritude africana de língua portuguesa**, originalmente tese de doutorado do Professor Pires Laranjeira, sabe-se que foi muito mais extensa e profunda do que se tem dito. Essa obra repensa o lugar da Negritude no contexto das letras africanas e resgata a importância do movimento na formação de uma consciência crítico-literária decisiva ao combate ao colonialismo e à procura das raízes identitárias africanas. Lançando novo olhar sobre os estudos negritudinistas, esse ensaio impõe-se como leitura fundamental. Além dele, o referido professor possui outras obras – **Literatura calibesca**, **De letra em riste**, **Manual das literaturas de expressão portuguesa** – que enriquecem o acervo atual do ensaísmo referente às letras africanas.

Outros nomes também constituem referencial bibliográfico obrigatório relativo ao campo do ensaio na área dos estudos literários africanos em língua portuguesa: Manuel Ferreira, um dos pioneiros em Portugal, autor de ensaios e de uma história dessas literaturas, Eugênio Lisboa e Maria de Lourdes Cortez, "introdutores de um novo olhar sobre as literaturas africanas de língua portuguesa" (MESTRE, 1989, p. 67), na opinião de David Mestre, entre outros, e também na nossa. Lembramos ainda, citando apenas alguns dos estudiosos dessas literaturas: Alfredo Margarido, Rus-

sell Hamilton, Michel Laban, Américo Nunes, Salvato Trigo, Pierre Rivas, cujos estudos se erigem como itinerários forçosos aos que se debruçam sobre o universo literário em questão.

Além desses autores, que já podem ser considerados clássicos no assunto, temos ensaios mais recentes que abordam obras literárias de autores africanos, como os de Ana Mafalda Leite, dos quais citamos o último, denominado **Oralidades & escritas**; os de Inocência Mata, autora de vários livros, entre eles **Pelos trilhos da literatura africana em língua portuguesa**; os de Francisco Salinas, principalmente os sobre Cabo Verde; os de Fernanda Cavacas, acerca da obra de Mia Couto; os de Patrick Chabal; os de José Carlos Venâncio; os de Francisco Soares; os de Ana M. Mão de Ferro; os de M. Aparecida Ribeiro; os de Elsa Rodrigues dos Santos; os de Carlos Pacheco; os de Alberto Carvalho, entre outros.

No Brasil, alguns ensaios produzidos já são reconhecidos, como os da Profa. Santilli; os do Prof. Benjamin Abdala Júnior; os da Profa. Laura Padilha, **Entre voz e letra**: o lugar da ancianidade na ficção angolana pós-50, que recebeu o prêmio da Biblioteca Nacional em 1995; os da Profa. Tânia Macedo; os da Profa. Jane Tutikian; os da Profa. Elisalva Madruga; os do Prof. Manuel de Souza e Silva; os da Profa. Maria Nazareth Soares Fonseca; os da Profa. Simone Caputo Gomes; os da Profa. Leda Martins; os da Profa. Rita Chaves sobre o romance angolano; os da Profa. Carmen Lucia Tindó Secco, entre outros.

Teses e dissertações – muitas das quais se aproximam do ensaio pela ousadia das idéias, pelo pensamento crítico e pelo estilo discursivo envolvente – sobre autores africanos (José Craveirinha, Pepetela, Manuel Rui, Mia Couto, Agostinho Neto, João Melo, Mena Abrantes, Ba Ka Khosa, Agualusa, Paulina Chiziane, Dina Salústio, Vera Duarte, Corsino Fortes, Francisco José Tenreiro e outros) também foram defendidas, em universidades brasileiras e portuguesas, como as de Laura Padilha, Tânia Macedo, Rita Chaves, Manuel de Souza e Silva, Elisalva Madruga, Mário Lugarinho, Antônio B. Hildebrando, M. do Carmo Sepúlveda Campos, Cláudia Márcia V. da Rocha, Norma S. Rosa Lima e outras.

Devido às limitações de tempo e espaço deste artigo, apenas arrolaremos alguns nomes representativos do ensaísmo de cada um dos países africanos de língua portuguesa. Começamos, então, por Angola, onde o ensaio já apresenta várias vertentes. No campo do nacionalismo político, os ensaios de Mário Pinto de Andrade e Agostinho Neto são referenciais. Pela importância na formação da consciência nacional angolana, não podemos deixar de mencionar Mário Pinto de Andrade, cujo pensamento crítico avançado pôs em questão os conceitos dogmáticos de Estado nacional. Após enumerar variadas e contraditórias definições de nação, tanto as de concepção marxista, como as provenientes de uma visão capitalista do mundo, o referido ensaísta indaga:

Como se realiza o processo de formação nacional na África sub-saariana, caracterizada pela etnicidade? Se o Estado tem sido a instância aceleradora da coesão nacional, também é certo que a presença da autoconsciência se revela uma força centrípeta. Mau grado as ilusões da época, os chamados Estados de "democracia nacional" também não produziram exemplos paradigmáticos na matéria em debate. Por seu turno, a construção da unidade africana (implicando a remodelação das fronteiras herdadas da partilha colonial, por dinâmica externa) não se erigiu ainda em fator de consolidação nacional, num quadro continental. (ANDRADE, 1997, p. 16-17)

Também no âmbito do ensaísmo literário, Mário de Andrade foi precursor com a sua introdução ao **Caderno de poesia negra de expressão portuguesa** (1953), que representa o primeiro trabalho de sistematização da poesia africana em língua portuguesa.

Na esfera da antropologia, foram fundamentais para o conhecimento de mitos presentes nos diversos imaginários das diferentes etnias angolanas os seguintes autores: Oscar Ribas, José Redinha, Virgílio Coelho, Ruy Duarte de Carvalho; no âmbito dos estudos históricos e sociológicos, lembramos as importantes contribuições de Carlos Serrano, Fernando Mourão de Albuquerque, Ana Paula Tavares, Rosa Cruz e Silva, José Maria Nunes Pereira; no da cultura, das letras e das artes, não podem ser olvidados, além do já referido Mário Pinto de Andrade, nomes como os de Mário António, Eugénio Ferreira, Costa Andrade, Henrique Abranches, António Cardoso, Jorge Macedo, Carlos Ervedosa, João-Maria Vilanova, Manuel Rui, Rui Pacheco, Adriano Mixinge e Luís Kandjimbo, cujo último livro, intitulado **A apologia de kalitangi**, apresenta vários capítulos sobre crítica literária, reflexões acerca da "angolani-idade" e da situação dos escritores em Angola, entre outras instigantes questões. Cabe ressaltar, ainda, na ensaística angolana, a produção crítica de David Mestre (para os amigos, "Mano David"), cujos escritos em jornais e livros – entre os quais **Nem tudo é poesia** e **Lusografias crioulas** – muito contribuíram não só para o conhecimento e a divulgação da literatura angolana, mas, principalmente, para uma perspicaz avaliação das literaturas africanas de língua portuguesa em geral. A seguir, transcrevemos uma lúcida análise sua da situação editorial dos escritores angolanos, semelhante à enfrentada pelos escritores dos outros países africanos de língua oficial portuguesa:

No alvorecer da presente década, o termo da guerra fria e as mudanças cosméticas do poder em presença da redistribuição geopolítica do planeta – com a cessação do estatuto de protetorado soviético e as regras "democráticas" introduzidas pela dinâmica internacional – determinaram "rendição" de Luandino e do aparato editorial subvencionado que fundou e dirigiu nos moldes que ficaram para trás.

Angola atravessa desde aí a mais dramática devassa social e econômica de que há memória. O colapso e a insolvência instalam-se, e os livros de escritores angolanos passam rapidamente de produto excedentário – distribuídos por preços irrisórios, à semelhança do que acontecia no bloco comunista – a mercadoria de consumo seletivo, importada por conta própria, quando um número crescente dos nossos autores

recorre ao mercado português para publicar suas obras, na impossibilidade de o fazerem localmente. (MESTRE, 1997, p. 19)

No que se refere a Moçambique, são fundamentais os ensaios políticos de Eduardo Mondlane e de Samora Machel, entre outros. Para a compreensão dos mitos e tradições dos bantos, os livros de Henri Junod são referência básica. Para o aprofundamento da história e da cultura moçambicanas, não devem ser deixados de parte os importantes trabalhos de António Sopa e Alexandre Lobato, assim como, no campo dos estudos sociológicos e políticos, os de Mateus Katupha e os de José Luís Cabaço, entre outros. No campo das letras, em especial da literatura e da língua, há vários ensaios e livros, entre os quais dou ênfase aos de Eugénio Lisboa, Orlando Mendes, Ilídio Rocha, Nelson Saúte, Fátima Mendonça, Lourenço do Rosário, Francisco Noa, Gilberto Matusse, Virgílio de Lemos, Fernanda Cavacas, Fernanda Angius, Matteo Angius, Perpétua Gonçalves, Armando Jorge Lopes, Ana Mafalda Leite etc. Da última transcrevemos um trecho em que ela, conforme David Mestre também o fez, exalta Maria de Lourdes Cortez e Eugénio Lisboa como os introdutores de um novo tipo de ensaio em Moçambique:

Minha incipiente articulação da escrita poética com a ensaística começou nesse momento e com esse Mestre, Maria de Lourdes Cortez. Um outro, diferente, Eugénio Lisboa, vertiginoso contador de estórias, abriu-nos os caminhos da ficção comparada moderna e alvoraçava-nos para os gigantes da literatura universal. Caleidoscópio tentacular e sábio, de Homero a Malraux ou Montherland, passando por Scott Fitzgerald, não esquecendo Cervantes. É nesta altura que se faz a publicação de um dos primeiros livros de reflexão sobre literatura moçambicana: autores como Eugénio Lisboa, Maria de Lourdes Cortez e Jorge de Sena refletindo sobre a poesia de Rui Knopfli, Grabato Dias e José Craveirinha. E no meio deste eclodir de consciências críticas para o literário, a bandeira a erguer-se em 25 de junho. Dezesete anos. Começava a despertar em mim a consciência da nação e com ela uma literatura, a literatura moçambicana. (LEITE, maio/1997; comunicação oral)

Em relação a Cabo Verde, nomes como António Carreira, Arnaldo França, Marcelo Veiga, Baltazar Lopes, Manuel Ferreira, Gabriel Mariano, Dulce Almada, José Luís Hopffer Almada, Dina Salústio, Vera Duarte, entre outros, não podem ser esquecidos, na medida em que apresentam uma produção ensaística voltada para as questões do arquipélago: a seca, a insularidade, o uso do crioulo. Cabe ressaltar o pioneirismo de Cabo Verde em relação aos demais países africanos de língua oficial portuguesa, ao fundar, em 1936, com **Claridade**, a vanguarda na literatura cabo-verdiana, apresentando, já nessa época, alguns textos de caráter ensaístico. Muitos são hoje os textos críticos, como o livro **Ensaios e outros escritos**, que recolhe textos de António Aurélio Gonçalves, organizados por Arnaldo França. Há, contudo, por parte de alguns escritores e críticos, uma certa humildade, considerando ainda incipiente o ensaísmo literário em Cabo Verde:

A crítica, num país muito pequeno e com uma população muito jovem como a nossa, tem necessariamente uma configuração própria. Uma das marcas da nossa crítica é ela ser sempre rodeada de muitos cuidados e cautelas, apresentando-se revestida de uma estética própria. No entanto, se por um lado, a ausência de crítica objetiva dificulta o amadurecimento do escritor, por outro lado, no nosso contexto, acho bonito e generoso o cuidado com que se fala de uma obra, como se quisesse, acima de tudo, proteger e acarinhar quem escreve. O que eu quero dizer é que nós, este povo tão pequeno, em termos numéricos, confundimos naturalmente a pessoa do escritor com a coisa escrita e aí fica difícil organizarmos frontalmente uma apreciação totalmente isenta. (Internet site: <http://www.ci.uc.pt/ciberkiosk/arquivo/ciberkiosk5/pagina1/editorial.htm>)

Quanto a São Tomé e Príncipe, já mencionamos Inocência Mata, cuja reflexão e pesquisa sobre a cultura e a literatura dessas ilhas instituem-se como contribuição fundamental. Os ensaios dessa séria pesquisadora não se limitam, entretanto, ao contexto literário santomense. Conhecedora das literaturas dos cinco países africanos de língua portuguesa, Inocência também possui uma significativa produção ensaística sobre as letras angolanas, moçambicanas, guineenses. Santomense de nascimento e com vivência em outros países, Inocência Mata, no livro **Diálogo com as ilhas**, apresenta a cultura e a literatura das ilhas de São Tomé e Príncipe, instaurando, a nosso ver, um inovador olhar crítico, opinião também expressa por Laranjeira no prefácio à referida obra, que, segundo ele, “tem o elevado mérito de transcender o confinamento insular e projetar-se como paradigma renovado (para africanos e não-africanos) dos estudos literários africanos de língua portuguesa” (LARANJEIRA. Prefácio. In: MATA, 1998, p. 15).

Relativamente à Guiné-Bissau, na esfera literária, são de grande relevância os trabalhos de Moema Augel e os de Leopoldo Amado, cujos ensaios contribuíram para o início de uma sistematização dos estudos sobre as letras guineenses, ainda tão desconhecidas nos meios acadêmicos do Ocidente e, mesmo, de África. Na área do ensaísmo sociológico político e cultural, enfatizamos os instigantes ensaios de Carlos Lopes:

Uma das razões pelas quais a África continua malfadada é a falta de conhecimento a ela associada. (...) Ao tentar dissociar o fundamental do acessório na atual crise africana, encontraremos razões de sobra para estar apreensivos. De fato vive-se um compasso de espera no continente. Pareceu-me que essa metáfora fosse, talvez, a que mais se aproximasse da realidade. Mas também, como todas as outras, é nebulosa e pouco perigosa. Se não, como interpretar a imensa criatividade hoje em dia associada aos africanos, no plano político, no plano cultural, e mesmo no plano econômico, com a explosão do setor informal?! (...) Hoje em dia não se pode continuar o relacionamento gregário com África. Instrumentos como a cooperação técnica necessitam de uma reforma total. (LOPES, 1997, p. 16)

Para concluirmos, apresentamos uma síntese de algumas das tendências mais recorrentes do ensaísmo literário no âmbito das letras africanas em língua portugue-

sa. Uma das linhas de investigação é a que analisa as relações entre literatura, memória e história, considerada a primeira como um “entre-lugar” que subverte e ilumina a contrapelo a compreensão da última, preenchendo lacunas do discurso oficial, ou seja, dando voz aos que foram calados pelo longo e opressivo processo colonizador. Outro viés de pesquisa é o dos estudos pós-coloniais, em que questões como mestiçagem cultural e identidades híbridas são repensadas à luz das teorias do multiculturalismo. Uma outra vertente é a que trabalha com os sonhos e as imaginações utópicas como elementos de resistência cultural. Outro vetor de estudos é o que se ocupa da oralidade dos velhos *griots* contadores de histórias, repensando e reinventando mitos, lendas, religiosidades presentes nos diversos e multifacetados imaginários das tradições das diversas etnias africanas. Existem ainda ensaios sobre as vozes literárias femininas em África; há os que enveredam por um viés crítico comparatista, levantando pontos de contato e de dissonância entre as literaturas em língua portuguesa. Nessa direção encontramos trabalhos, por exemplo, que investigam simetrias e dissimetrias entre o realismo maravilhoso latino-americano e o animismo africano. Lembro, ainda, o ensaio de Virgílio de Lemos que defende a presença de um “barroco estético” – próximo ao “neobarroco” hispano-americano – em grande parte da produção literária africana em língua portuguesa, manifestando-se aí como estratégia de insubmissão às regras da literatura colonial: “A utilização do ‘barroco estético’ (...) nos parece ter visado, num primeiro tempo, a desestabilizar a arte e a literatura. Insubmissão às regras da literatura colonial, aos próprios valores do colonialismo” (LEMOS, 1997, p. 134).

Encerramos nosso texto, com a consciência de que o panorama traçado neste artigo não esgotou o assunto, tendo, inclusive, deixado de se referir a nomes significativos. Apesar dessas lacunas, acreditamos poder declarar, com base no painel por nós tecido, que o ensaísmo africano, embora em formação, já conta com importantes estudos. Trilhando diferentes caminhos, rompe com os ditames do cânone ocidental e vai-se construindo e impondo, à proporção que cumpre o papel de afirmar e marcar o espaço das letras africanas. Revisitando o passado à luz do presente, revendo antigos sonhos e refletindo sobre novas utopias, vai firmando, aos poucos, o seu lugar. Na verdade, um “entre-lugar”, local de críticas e rupturas, de memórias e imaginações, de leituras e releituras capazes de desvelar os vazios e entrelinhas dos textos e da própria história.

Resumen

Los contornos imprecisos del ensayo. Las tenues fronteras entre ensayos filosóficos y literarios, entre estudios históricos y textos ficcionales, entre ensayos antropológicos y políticos. La importancia del ensayo africano: la ruptura en relación al canon occidental y la construcción del espacio crítico de las letras africanas. Género en formación, el ensayo africano logra un "entre-lugar", local de exégesis y reflexión, de imaginación y memoria, de lecturas y relecturas del texto literario y la Historia.

Palabras claves: Ensayo africano; Entre-lugar; Texto literario.

Referências

- ABDALA Jr., Benjamin. **Literatura, história e política**. São Paulo: Ática, 1989.
- AMADO, Leopoldo. A literatura como expressão de ideais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL, 1, 1997, Lisboa. **Panorama das novas literaturas africanas de língua portuguesa**. Lisboa: GT do Ministério da Educação para Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 1997, p. 61-106.
- ANDRADE, Mário Pinto de. In: LABAN, Michel (Org.). **Mário Pinto de Andrade: uma entrevista dada a Michel Laban**. Lisboa: Sá da Costa, 1997.
- ANDRADE, Mário Pinto. **Origens do nacionalismo africano**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- ANGIUS, Fernanda; ANGIUS, Matteo. **O desanoitecer da palavra: estudo, seleção de textos inéditos e bibliografia anotada de um autor moçambicano**. Praia; Mindelo: Embaixada de Portugal; Centro Cultural Português, 1998.
- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- AUGEL, Moema P. **A nova literatura da Guiné-Bissau**. Bissau: Inep, 1998.
- CABRAL, Amílcar. **Nacionalismo e cultura**. Santiago de Compostela: Laiovento, 1999.
- CARVALHO, Ruy Duarte. **Hábito da terra**. Porto; Luanda: Edições Asa; União dos Escritores Angolanos, 1988.
- CARVALHO, Ruy Duarte. **Ana a Manda: os filhos da rede**. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1989.
- CAVACAS, Fernanda. **Mia Couto: brinciação vocabular**. Lisboa: Instituto Camões, 1999.
- CAVACAS, Fernanda. **Mia Couto: pensatempes e improvérbios**. Lisboa: Instituto Camões, 2000.
- CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano**. São Paulo: USP, 1999. (Coleção Via Atlântica, n. 1).
- COELHO, Virgílio. Imagens, símbolos e representações; Quiandas, quitutas, sereias!: imaginários locais, identidades regionais e alteridades. Reflexões sobre o quotidiano urbano luandense na publicidade e no universo do *marketing*. In: **NGOLA – Revista de Estudos Sociais (ASA)**. Luanda, v. 1, n. 1, p. 127-192, jan./dez. de 1997.

- ERVEDOSA, Carlos. **Roteiro da literatura angolana**. Luanda:UEA,1983.
- FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. São Paulo: Ática, 1987.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Porto: Paisagem, 1975.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Bordas, margens e fronteiras: sobre a relação Literatura e História. In: **Scripta**, Revista da PUC Minas. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 91-102, 2º semestre (jul./dez.) de 1997.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HAMILTON, Russell. **Literatura africana, literatura necessária**. Lisboa: Ed. 70, 1981. v. 1, 247p. e v. 2.
- KANDJIMBO, Luís. A nova geração de poetas angolanos. In: **Austral**. Revista de Bordo da TAAG. Luanda, n. 22, p. 19-27, out. a dez. de 1997.
- KANDJIMBO, Luís. **Apologia de Kalitangi**: ensaio e crítica. Luanda: Inald, 1995.
- KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra**. Lisboa: Europa-América, 1978.
- LABAN, Michel. **Encontro com escritores**. Porto: Fund. Eng. António de Almeida, 1996, 1998, 1999. Angola, 2v., 925p.; Cabo Verde, 2v., 782p.; Moçambique, 3v., 1.281p.
- LARANJEIRA, Pires. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- LARANJEIRA, Pires. **A negritude africana de língua portuguesa**. Porto: Afrontamento, 1995.
- LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & escritas**. Lisboa: Colibri, 1998.
- LEITE, Ana Mafalda. O papel da mulher na cultura moçambicana na segunda metade do século XX. In: COLÓQUIO SOBRE A MULHER, I, 1997, Maputo. A MULHER NA CULTURA MOÇAMBICANA. Maputo, 28 a 30/maio/1997. Comunicação oral (sem n. de páginas).
- LEMONS, Virgílio. **Eroticus mozambicanus**: o Barroco estético ou 7 enunciados e 4 variantes. In: CONGRESSO INTERNACIONAL, 1, 1997, Lisboa. **Panorama das novas literaturas africanas de língua portuguesa**. Lisboa: GT do Ministério da Educação para Comemoração dos Descobrimientos Portugueses, 1997. p. 124-150.
- LOPES, Carlos. **Compasso de espera**. Porto: Afrontamento, 1997.
- MARGARIDO, Alfredo. **Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa**. Lisboa: A regra do jogo, 1980.
- MATA, Inocência. **Pelos trilhos da literatura africana em língua portuguesa**. Pontevedra/Braga: Cadernos do Povo, 1992.
- MATA, Inocência. **O diálogo com as ilhas**. Lisboa: Colibri, 1998.
- MATUSSE, Gilberto. **A construção da imagem de moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani Ba Ka Khosa**. Maputo: Livraria Universitária da UEM, 1998.
- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

- MENDONÇA, Fátima. **Literatura moçambicana: a história e as escritas**. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1988.
- MESTRE, David. **Nem tudo é poesia**. 2. ed. Luanda: UEA, 1989.
- MESTRE, David. **Lusografias crioulas**. Évora: Pendor, 1997.
- MOURALIS, Bernard. **As contraliteraturas**. Coimbra: Almedina, 1982.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.
- NOA, Francisco. **A escrita infinita**. Livraria Universitária da UEM, 1998.
- PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra**. Niterói: Eduf, 1995.
- REDINHA, José. **Distribuição étnica de Angola**. Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola, 1971. p.1-35.
- RIAÚZOVA, Helena. **Dez anos de literatura angolana**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- ROSÁRIO, Lourenço. **A narrativa africana**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Angolê, 1989.
- SANTILLI, Maria Aparecida. **Africanidade**. São Paulo: Ática, 1985.
- SAÚTE, Nelson. **Os habitantes da memória**. Praia; Mindelo: Embaixada de Portugal; Centro Cultural Português, 1998.
- SECCO, Carmen Lucia Tindó (Org.). **Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: F. Letras da UFRJ, 1999. v. 1, 257p.; v. 2, 147p.; v. 3, 254p.
- TRIGO, Salvato. **Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira**. Lisboa: Vega, 1986.
- SITE: <http://www.ci.uc.pt/ciberkiosk/arquivo/ciberkiosk5/pagina1/editorial.htm>.